

ponto, os “espíritos” têm liberdade de escolha quanto à reencarnação, (c) os casos em que há lembrança da vida anterior ocorrem quase sempre entre as pessoas que já aceitam a idéia da reencarnação, e (d) mais de um espírito pode ocupar o mesmo corpo, como no caso de Jasbir. Esta última conclusão lembra a observação do psicólogo McDougal a respeito de Sally Beauchamp.* Para ele, as outras personalidades de Sally pareciam entidades psíquicas independentes, não aspectos da mesma pessoa.

O caso do “assassino” cingalês Wijeratne merece menção especial. Ele nasceu em 1947 com uma deformidade no peito e outra num braço, ambas do lado direito. Como se parecia com o tio paterno, Ratran Hami, o pai comentou: “É o meu irmão que volta”. A família acreditava que as deformidades se devessem a algum “karma” ruim numa existência anterior. Quando a criança tinha dois anos e meio, a mãe ouviu-a dizer que tinha o braço deformado porque matara a esposa. Mais tarde, o menino relatou pormenores do crime, bem como da prisão e execução de Ratran Hami, de forma tal a convencer os pais que não era sua imaginação. (Stevenson oferece um relato completo das descrições que o garoto fez a respeito do crime.) O assassinato se deveu a um violento ataque de raiva (Wijeratne reconheceu que na vida anterior fora possuidor de temperamento incontrolável, mas que agora tudo estava sob controle.) A garota já estava casada com Ratran Hami, mas continuara a viver com os pais até a realização da segunda metade de uma cerimônia dividida em duas partes. Quando ele foi buscá-la, a moça de repente resolveu não acompanhá-lo — no que ele sacou de uma faca e matou-a. No julgamento, defendeu-se alegando que não pretendia matar a esposa. Os familiares dela se haviam atracado com ele, dando-lhe pancadas, enquanto a moça lhe segurava os pulsos; ele a teria esfaqueado ao tentar se soltar. A família da moça alegava que Wijeratne a atacara com um kris (adaga malaia), e que só depois eles o atacaram. Ele acabou reconhecendo que o testemunho da família da esposa era o verdadeiro, e que sua execução seria justa, acrescentando, contudo, que se de novo se defrontasse com uma situação semelhante, repetiria tudo o que fizera. Stevenson afirma que conhece muitos casos em que um assassinato é esclarecido dessa maneira.

O ano de 1956, data da publicação de *The Search for Bridey Murphy*, produziu muitos outros casos interessantes de suposta reencarnação na Inglaterra. Henry Blythe, hipnotizador profissional de Torquay, Devon, hipnotizou uma dona-de-casa de 32 anos, de Exeter, chamada Naomi Henry, a quem antes ele já havia feito parar de fumar. Em algumas das sessões usou-se um gravador, e posteriormente foi lançado um disco *long-playing* com o selo Oriole. Em primeiro lugar, várias testemunhas se identificam, e um certo Dr. William Minifie explica o que se vai passar. A Sra. Henry já está dormindo. O hipnotizador leva-a de volta à infância, e depois faz perguntas sobre suas existências anteriores. Ela diz que foi uma garota irlandesa, Mary Cohen, e cita o ano de

* Ver págs. 118 e segs.

1790. O hipnotizador a conduz então ao dia de seu casamento, quatro anos depois, e ela explica que não quer se casar, que sua mãe a forçou porque não pretende sustentar filha solteira. Mais tarde ela morre em consequência de uma perna quebrada, provocada pelo marido durante uma surra. O hipnotizador avança quatro anos além de sua morte, e ela pára de respirar. (Na capa do disco, o texto informa que o coração também parou de bater durante cinco segundos.) E aí ela fala da reencarnação como Clarice Hellier, enfermeira nascida em 1880, e encerra falando de sua morte, provocada por um bócio, e até mesmo do número de sua sepultura. Observe-se que a capa do disco esclarece que não se trata de uma prova da reencarnação, mas apenas de uma experiência incomum. O que talvez tenha o mesmo efeito. Ao mesmo tempo que o ouvinte certamente percebe a sinceridade de todos os envolvidos na gravação, é provável que se pergunte se a pessoa hipnotizada não estaria dando as respostas esperadas pelo hipnotizador, atendendo um desejo de satisfazê-lo. E se compreende como poderia ter ocorrido a mesma coisa no caso de Bridey Murphy. A não ser que os pesquisadores consigam provas definitivas da existência de Mary Cohen em Cork em 1890, ou de Clarice Hellier em Downham (e há nada menos de seis lugares com esse nome na Inglaterra), esse tipo de experiência deve ser considerado apenas como experiência interessante.

O que não significa que a hipnose profunda não se possa transformar em instrumento valioso para a investigação de encarnações passadas. Arnall Bloxham, especialista em mobiliário antigo, pelo visto também se sentiu estimulado pelo caso de Bridey Murphy e passou a usar seus poderes hipnóticos para investigar a reencarnação. O resultado das primeiras experiências foi um livro, *Who Was Ann Ockenden?*, escrito por sua mulher, Dulcie, em que uma garotinha hipnotizada fala de sua experiência anterior em tempos pré-históricos. Arnall Bloxham vem prosseguindo com outras experiências do mesmo cunho, gravando tudo em fitas, e já formou uma impressionante coleção de gravações. Uma mulher que diz ter sido Henriette, irmã exilada de Carlos II, demonstrou conhecimento profundo do período dos Stuart e descreveu pormenorizadamente a corte de Luís XVI e de seu irmão, Phillipe, Duque de Orléans, com quem foi casada. Um homem que se lembrava de uma vida anterior como artilheiro naval na época de Napoleão deu tantos depoimentos autênticos sobre a vida naval do período que o Conde Mountbatten levou a fita emprestada para mostrar a especialistas em história naval.* Só se pode afirmar que se essas experiências forem realizadas durante um longo período, e em escala suficientemente difundida, deverão surgir casos de autenticidade incontestável. Em abril de 1956, Robert Heinlein previu, em *Amazing Stories*, que no ano 2001 a reencarnação já terá sido demonstrada com rigor científico. E há uma possibilidade razoável de que esteja certo.

* Ver *Man, Myth and Magic*, nº 33, “Fronteiras da Crença”.